



Reunião do Bloco Socialista

Guerra Civil de Moçambique



Diretores

Miguel Scatolin

Igor Marques

Pedro Lucas

Diretora-assistente

Maria Irene



Apresentação da Mesa

Bom dia, boa tarde ou boa noite! Meu nome é Miguel Scatolin Teixeira e eu sou do terceiro ano do curso técnico integrado de eletrônica no CEFET-MG. Sou de Santos e vivo em Belo Horizonte a 5 anos. Comecei a simular no MOCS V, tendo ouvido sobre ele através da minha veterana Camilla, diretora do comitê do Tratado de Brest-Lirovski. Desde então, me apaixonei pelo estudo e discussão da geopolítica e direito internacional.

Acredito que as simulações no geral são uma grande oportunidade para o crescimento pessoal, para o desenvolvimento do pensamento crítico e para abrir a mente para os diversos pontos de vista. Eu gosto igualmente de todos os tipos de comitê e vejo em cada um deles a chance de aprender algo novo.

Como diretor e como Secretário Administrativo, vocês podem contar comigo para tirar qualquer dúvida que possa vir a existir a respeito do tema e do evento. Por ser um comitê histórico de natureza bastante complexa, é de extrema importância que vocês pesquisem por conta própria, principalmente a respeito do posicionamento da sua delegação. Tenham uma ótima leitura e nos vemos no MOCS VII!

Olá, senhores delegados. Meu nome é Igor Marques Jordão e sou muito grato por poder participar novamente do modelo de simulação que mais acrescentou na minha vida acadêmica e pessoal. Ingressei nesse universo das simulações logo quando fui aprovado no CEFET, graças ao MOCS em sala, desde então não consegui mais parar.

Fiz boas amizades durante esses eventos e fortaleci algumas que já tinha. O que estou tentando dizer é: as simulações podem trazer muito mais coisas do que alguns imaginam. Aproveitem o evento como um todo, tudo naquele ambiente pode ser mágico se você permitir.



Espero que gostem muito do comitê que preparamos para vocês e do evento de modo geral. Não haja com condutas intimidadoras de qualquer natureza e não se deixem intimidar por ninguém. Grande abraço e nos vemos em maio.

Olá! Meu nome é Pedro Lucas e eu curso o terceiro ano de Mecânica no CEFET-MG. Resido na minha cidade natal, Belo Horizonte, e terei a honra de ser diretor deste comitê. Comecei a simular no MOCS VI a convite do Ícaro Belém (diretor da FAO nesta edição do MOCS) e desde então participei de todas as simulações ao meu alcance.

Enxergo nas simulações o ambiente mais propício para se buscar conhecimento acerca do que acontece no meio político e diplomático, o que possibilita uma orientação mais consciente para cada um de nós enquanto cidadãos. Os comitês dos quais eu mais gosto de participar são os Conselhos de Segurança, mas este com certeza será o mais especial de todos para mim.

Estou sempre à disposição para sanar qualquer dúvida a respeito das simulações, do comitê e do evento! Ótimos estudos a todos, aguardo por vocês na Reunião do Bloco Socialista!

Oi, todo mundo! Eu sou Maria Irene (mas me chamem só de Irene, por favor). Eu tenho 14 anos e estou cursando o segundo ano do curso de Meio Ambiente. Sou de Belo Horizonte, libriana. Comecei a simular no MOCS VI, mais por curiosidade, e acabei amando as simulações. Prefiro comitês de guerra, mas gosto muito de todos, pra falar a verdade. Eu estou muito empolgada para essa edição do MOCS, e curiosa para o que vai sair dessas discussões.

Estou à disposição para qualquer dúvida que surja. Bons estudos!



Sumário

Apresentação da Mesa.....	2
1. Introdução.....	5
2. Bloco Socialista.....	6
2.1. Marxismo.....	6
2.2. A divisão do mundo pós-guerra	8
2.3. O Surgimento do Bloco	10
2.3. O Bloco Socialista e a Guerra Civil Moçambicana	12
3. Contexto Histórico de Moçambique	13
3.1. Ocupação Portuguesa	13
3.2. Movimento de Libertação Africano	14
3.2.1 Surgimento da FRELIMO.....	15
3.2.2 Conflito Armado	17
4. Aspectos Geográficos de Moçambique.....	18
5. Governo FRELIMO	21
6. RENAMO.....	22
6.1. Aspectos Étnicos da População e Influência no Alinhamento Durante a Guerra	24
7. Posicionamentos	25
7.1. Conselho Militar Administrativo Provisório (Etiópia).....	26
7.2. Governo Revolucionário Popular de Granada.....	26
7.3. República de Cuba.....	27
7.4. República Democrática Alemã	27
7.5. República Democrática Popular do Iêmen.....	28
7.6. República Popular da Bulgária	28
7.7. República Popular da Hungria	29
7.8. República Popular da Polônia.....	29
7.9. República Popular de Angola	30
7.10. República Popular de Moçambique	30
7.11. República Popular do Benim	31
7.12. República Popular do Congo	32
7.13. República Socialista da Tchecoslováquia	32
7.14. República Socialista Federativa da Iugoslávia	32
7.15. União das Repúblicas Socialistas Soviéticas	33
8. Perguntas a serem respondidas	34
9. Bibliografia	35



1. Introdução

Companheiras e companheiros,

Moçambique vos convida a comparecer de uma reunião de aliados de nosso governo, para discutirmos e conceber novos planos, estratégias e acordos para combater a ameaça representada pelos bandidos armados conhecidos como RENAMO.

Desde 1977, o grupo conhecido Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO) têm causado imensa destruição em nosso país, queimando plantações e vilarejos na área rural e cometendo todo tipo de sabotagem. Esses terroristas são mantidos por nações inimigas, que veem em Moçambique uma ameaça a seus governos segregacionistas e capitalistas.

Cada vez mais a RENAMO tem obtido influência em nosso território, manipulando a população, convencendo-a à se virar contra seus compatriotas e aterrorizando o povo com o objetivo de desestabilizar o governo. Nós não podemos permitir que eles continuem a expandir sua influência e a flagelar nosso país.

Nessa situação, nós lhe convocamos para que possamos fortalecer nossas alianças e cooperação e forjar acordos benéficos de modo a combater os bandidos e a influência Ocidental, estabilizar e promover o desenvolvimento de Moçambique e consolidar o socialismo na África.

Samora Moisés Machel – Presidente da Frente de Libertação de
Moçambique



2. Bloco Socialista

No século XIX as condições de trabalho e vida dos operários europeus (proletariado) eram extremamente precárias: jornadas de trabalho abusivas, instabilidade no emprego, salários baixos, insalubridade e nenhuma segurança eram alguns dos problemas que sondavam a população de grandes cidades da época, como Londres, Inglaterra e França. No entanto, a vida dos donos dos meios de produção (burguesia) era bem diferente, regada a banquetes, bailes e acúmulo extraordinário de bens. É nesse contexto que surge uma das mais importantes teorias da sociologia, o marxismo.

Com a Revolução Russa em 1917, o socialismo desenvolvido por Marx e Engels passa de teoria para a realidade. Durante a Segunda Guerra Mundial e depois dela, diversos países, se tornaram socialistas e as diferenças ideológicas e de interesses entre os países capitalistas e socialistas começaram a se manifestar no mundo.

2.1. Marxismo

O marxismo é, basicamente, um movimento político prático: uma forma de socialismo que se distingue no interior das correntes de pensamento socialista por sua combinação de uma prática revolucionária com uma teoria social radical e abrangente. Essa teoria pretende ser uma ciência social e não uma filosofia (social ou política). (BOTTOMORE, 1988, p. 246).

O segundo capítulo do Manifesto Comunista define como objetivo imediato dos comunistas a constituição do proletário em classe, a derrubada da supremacia burguesa e a conquista do poder político pelo proletariado, conclusões estas, baseadas na expressão geral da luta de classes existente. A característica particular do comunismo é a abolição da propriedade burguesa, expressão final do sistema de produção e apropriação que é baseado em antagonismos de classes, na exploração de muitos por poucos. Nesse sentido, a teoria dos comunistas pode ser resumida nessa frase: abolição da propriedade privada. (MARX, ENGELS, 1848)



“Em toda época histórica, a produção econômica e a estrutura da sociedade, necessariamente dela decorrente, constituem a base da história política e intelectual dessa época; que conseqüentemente (desde a dissolução do regime primitivo da propriedade comunal da terra) toda a história tem sido a história da luta de classes, da luta entre explorados e exploradores, entre as classes dominadas e as dominantes nos vários estágios da evolução social; que essa luta, porém, atingiu um ponto em que a classe oprimida e explorada (o proletariado) não pode mais libertar-se da classe que explora e oprime (a burguesia) sem que, ao mesmo tempo, liberte para sempre toda sociedade da exploração, da opressão e da luta de classes.” (ENGELS, 1988).

Para Marx e Engels, a primeira etapa da revolução operária consistia em erguer o proletariado à posição de classe dominante por meio da conquista da democracia. A classe operária deveria utilizar sua supremacia para centralizar os meios de produção nas mãos do Estado, representante do proletariado organizado em classe dominante, e aumentar o total de forças produtivas. Apesar de, a princípio, essas medidas dependerem de uma aparente violação insuficiente e insustentável economicamente, elas acarretariam em modificações indispensáveis na nova ordem social para transformar radicalmente os meios de produção.

Para os países “adiantados”, segundo a definição do Manifesto, foram sugeridas dez medidas práticas visando o desaparecimento das distinções de classe e concentração da produção:

- 1) Expropriação da propriedade territorial e emprego da renda e proveito do Estado.
- 2) Imposto fortemente progressivo.
- 3) Abolição do direito de herança.
- 4) Confisco da propriedade de todos os emigrantes e sediciosos.
- 5) Centralização do crédito nas mãos do Estado, por meio de um banco nacional com capital do Estado e com o monopólio exclusivo.



- 6) Centralização dos meios de comunicação e transporte nas mãos do Estado.
- 7) Multiplicação das fábricas e meios de produção possuídos pelo Estado; o cultivo das terras improdutivas e o aprimoramento do solo em geral, segundo um plano.
- 8) Trabalho obrigatório para todos; estabelecimento de exércitos industriais, especialmente para a agricultura.
- 9) Combinação da agricultura com as indústrias manufatureiras e abolição gradual da distinção entre a cidade e o campo, por meio de uma distribuição mais igualitária da população pelo país.
- 10) Educação gratuita para todas as crianças, em escolas públicas, abolição do trabalho infantil nas fábricas, tal como é feito atualmente. Combinação da educação com a produção industrial etc.(MARX, ENGELS, 1982, p. 46).

Em 1917, ocorreu na Rússia a revolução que transformou a Rússia no primeiro país socialista, levada a cabo por um partido de ideologia marxista. A Rússia passou de um país feudal a uma grande potência mundial e logo diversos países seguiram seu exemplo, tornando-se socialistas.

2.2. A divisão do mundo pós-guerra

O nascimento da divisão bipolar (socialista e capitalista) remete ao mundo após a Segunda Guerra Mundial, no qual as grandes potências dos países aliados, União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), Estados Unidos da América (EUA) e Império Britânico definiram a reorganização dos territórios ocupados pelo exército nazista através de reuniões diplomáticas.



Apesar de se tratar de uma situação pós-guerra, os princípios que dividiram as zonas de influência dos países supracitados se desenvolveram através de tratados assinados durante a própria Guerra, sendo a Carta do Atlântico o primeiro destes tratados. A Carta do Atlântico foi um documento negociado na Conferência do Atlântico no dia 14 de Agosto de 1941 pelo primeiro ministro britânico Winston Churchill e pelo então presidente americano Franklin Delano Roosevelt. Este documento definiu oito pontos:

- 1) Nenhum ganho territorial seria buscado pelos Estados Unidos ou pelo Reino Unido;
- 2) Os ajustes territoriais devem estar de acordo com os desejos do pessoal interessado;
- 3) As pessoas têm direito à autodeterminação;
- 4) Barreiras comerciais devem ser excluídas;
- 5) Há de ser uma cooperação econômica global e avanço do bem-estar social;
- 6) A liberdade de desejo e medo seria executada;
- 7) Há de ter a liberdade dos mares;
- 8) Desarmamento das nações agressoras em comum após a guerra seria feito.

A URSS, juntamente com outros países da aliança militar, aderiu aos princípios da carta no encontro Inter-Aliado em 24 de Setembro do mesmo ano.

Seguindo principalmente os conceitos da autodeterminação e soberania das nações afirmados na Carta, em novembro de 1943, os três principais líderes aliados, o primeiro ministro da União Soviética Josef Stalin, o presidente americano Franklin Roosevelt e o líder britânico Winston Churchill se encontraram na Conferência de Teerã. Nesta conferência, debateu-se sobre a incorporação de nações bálticas e uma possível divisão do estado alemão.

A terceira reunião entre os mais relevantes líderes aliados ocorreu em fevereiro de 1945 na Conferência de Ialta. Neste encontro, defendeu-se a autodeterminação dos povos e a instalação de regimes democráticos, apesar de na



teoria a comunidade internacional no geral estar em consenso a respeito da necessidade da descolonização, esse processo ainda demorou décadas para se efetivar. O resultado do conclave decidiu o fim da Segunda Guerra e a divisão de zonas de influência entre o Leste (oriental) e o Oeste (ocidental).

A quarta e última reunião dos representantes das superpotências aliadas em período de guerra ocorreu em Potsdam, entre julho e agosto de 1945. Nesta reunião, a URSS defendeu a autonomia dos processos de reorganização política dos territórios na Europa Central, e em contraponto, os líderes ocidentais foram contrários à intervenção soviética na África e na região mediterrânea. Também se definiu a repartição do território alemão em quatro zonas de ocupação pertencentes à União Soviética, Estados Unidos, Grã Bretanha e França.

Após os acordos firmados nessas reuniões, a Europa foi dividida em zonas de influência, sendo o lado ocidental influenciada pelos Estados Unidos e a parcela oriental dominada pela União Soviética. Além disso, o avanço comunista na Europa oriental foi notável e os Estados Unidos reagiu financiando a reestruturação econômica do Japão. É nesse contexto que tem início a Guerra Fria, que deixou em estado de tensão todo o mundo, com a ameaça de um conflito direto entre os Estados Unidos e a União das Repúblicas Soviéticas Socialistas, possivelmente fatais para todo o planeta.

2.3. O Surgimento do Bloco

Com o início da disputa por influência entre URSS e os EUA na chamada Guerra Fria, naturalmente surgiram alianças militares e econômicas, decorrentes do alinhamento político de cada país segundo a lógica bipolar. Em 1949 surgiu a primeira delas: a Organização do Tratado do Atlântico Norte, a denominada OTAN (North Atlantic Treaty Organization). Esta aliança foi feita entre os países europeus próximos aos Estados Unidos. A OTAN surgiu como uma forma de proteger os países europeus do avanço do socialismo e da URSS.



Bandeira da OTAN

Além da aliança militar, o alinhamento econômico veio a partir do Programa de Recuperação Europeu (ERP), também conhecido como Plano Marshall. Este plano foi uma ajuda financeira dos EUA aos países da Europa Ocidental para a sua reconstrução, disponibilizando cerca de 12 bilhões de dólares em 1948. Dessa forma, os países ajudados se posicionaram do lado capitalista do globo.

Porém, em 1949, como reação ao Plano Marshall, os países socialistas liderados pela União Soviética fundaram o Conselho de Assistência Econômica Mútua (COMECON). Além da própria URSS, o Conselho contava com Bulgária, República Democrática Alemã (Alemanha Oriental), Tchecoslováquia, Hungria, Polônia e Romênia, todos eles países do leste europeu. Porém, nas décadas de 50 a 80, outros países vieram a integrar o COMECON: Cuba, Mongólia, Vietnã, Finlândia, China, Coreia do Norte, Iêmen, Etiópia, Laos, Afeganistão, México, Angola, Iraque, Iugoslávia e Moçambique, apenas Cuba, Mongólia e Vietnã eram membros com poder de voto.



Bandeira do COMECON

Posteriormente, surgiu a aliança militar do leste europeu: o Pacto de Varsóvia, firmado em 14 de maio de 1955. Essa aliança militar estabelecia um compromisso de ajuda mútua em caso de agressões militares. Os membros da aliança foram: União Soviética, Polónia, República Democrática Alemã, Checoslováquia, Hungria, Romênia, Bulgária e Albânia¹.



Emblema do Pacto de Varsóvia com os dizeres:
“União da Paz e do Socialismo”

Desta forma, com o mundo devidamente polarizado, surgem os blocos capitalista e socialista, sendo o capitalista composto pelos países alinhados com os EUA, e o socialista composto pelos países aliados com a URSS.

2.3. O Bloco Socialista e a Guerra Civil Moçambicana

O conflito em Moçambique se deu nos moldes da guerra fria: os marxistas do Governo (FRELIMO) contra os anticomunistas da RENAMO. Deste modo, a guerra deixa de ser um conflito local e passa a ser um confronto de ideologias que vão além do território moçambicano.

Com a guerra ideológica vem também o interesse dos principais países dos respectivos ideais, EUA e URSS, em nível continental e até mesmo global. As forças da RENAMO eram financiadas pela Rodésia e apoiadas pela África do Sul, enquanto a FRELIMO recebia ajuda dos países socialistas do mundo.

E por que os países socialistas deram suporte ao governo Moçambicano? A resposta desta pergunta é simples: o ideal marxista do governo. Em meio ao caos

¹ A Albânia se manteve no Pacto de Varsóvia até o ano de 1968.



do mundo bipolar, a disputa por apoio e influência era crucial para o sucesso dos planos ideológicos da época e os países socialistas enxergaram na situação moçambicana mais um irmão socialista, tanto que o Estado de Moçambique viria a ser membro observador do COMECON em 1982. Além da proximidade ideológica, a importância da influência no contexto da Guerra Fria.

3. Contexto Histórico de Moçambique

Moçambique é um país com uma história rica, repleta de diversos conflitos e influenciada por diversos fatores internos e externos. Para compreender os eventos que levaram à Guerra Civil de Moçambique e a natureza desta, é necessário compreender aspectos importantes da história desse país e o contexto geopolítico em que ele se encontra.

Podemos analisar a história de Moçambique, ou da região que viria a ser chamada de Moçambique, em três fases. A primeira seria a anterior à chegada dos exploradores portugueses, a terra era povoada por reinos e tribos com as mais variadas culturas, que não será abordada nesse guia. A segunda, a época da colonização portuguesa em Moçambique, que afetou profundamente o modo como a sociedade atual de Moçambique se tornou. A terceira, fase atual da Moçambique governada pela FRELIMO, necessária para compreender o início do conflito interno de Moçambique.

3.1. Ocupação Portuguesa

Descoberto em 1498 por Vasco da Gama, o território da atual Moçambique começou a ser colonizado em 1505. No século XIX Moçambique se tornou, primariamente, um exportador de escravos.

A agricultura era baseada nas fazendas dos colonos, nas grandes plantações voltadas para a exportação e na produção dos camponeses moçambicanos. Os camponeses eram responsáveis por 70% da produção nacional, sendo 80% desta



porcentagem voltada para a subsistência desses camponeses, além de também trabalharem nas grandes plantações e fazendas coloniais e em países vizinhos.

As atividades comerciais não eram extremamente bem-sucedidas, logo, a economia de Moçambique se tornou dependente de remessas dos migrantes trabalhadores e do trânsito de produtos dos países vizinhos para Oceano Índico, através de seu sistema ferroviário. O país era dominado por companhias patrocinadas pelo governo britânico e outras concessionárias, em geral na África do Sul. Somente no ano de 1941, quando as últimas companhias patrocinadas acabaram, Moçambique foi governada com unidade econômica e administrativa.

“No Regime do Indigenato, africanos e mulatos foram divididos em dois grupos. A pequena minoria que sabia ler e escrever em português haviam rejeitado costumes “tribais”, e eram proveitosamente empregados na economia capitalista eram classificados como assimilados. Em princípio, eles gozavam de todos os direitos e responsabilidades dos cidadãos portugueses. Africanos e mulatos que não satisfaziam esses requisitos tinham de carregar cartões de identidade, cumprir rigorosos regimes de trabalho, e viver fora de áreas europeias. Essas pessoas, conhecidas como indígenas, não eram consideradas cidadãos, e permaneciam sujeitos à lei costumeira.” (ISAACMAN, 1983, tradução livre)²

3.2. Movimento de Libertação Africano

A Segunda Guerra Mundial teve impactos em todos os países, direta ou indiretamente, deixando o mundo um lugar diferente ao terminar. A dominação colonial, previamente pensada ser inabalável, começou a desmoronar. (FUNADA-CLASSEN, 2012, tradução livre)³

² “Under the Regime do Indigenato, Africans and mulattoes were divided into two groups. The tiny minority who could read and write Portuguese, had rejected “tribal” customs, and were gainfully employed in the capitalist economy were classified as assimilados. In principle, they enjoyed all the rights and responsibilities of Portuguese citizens. Africans and mulattoes who could not satisfy these requirements had to carry identity cards, fulfill stringent labor requirements, and live outside European areas. These persons, known as indígenas, were not considered citizens, and they remained subject to customary law.”

³ The Second World War impacted on every country, either directly or indirectly, leaving the world a different place once it ended. Colonial rule, previously thought to be unshakable, started to crumble.



Países colonizadores, que consumiram seus recursos econômicos e militares nos conflitos durante Guerra, viram seu domínio sobre as colônias diminuir enquanto focavam em se recuperar. A guerra também revitalizou diversos movimentos nacionalistas ao redor do mundo,

Moçambique tinha grande importância econômica para a África do Sul e Rodésia do Sul. Um acordo de 1928 firmado entre o governo sul-africano e o governo português, permitia que Câmara de Minas de Transvaal importasse mineiros moçambicanos e utilizasse o sistema ferroviário e os portos de Moçambique. Para a Rodésia do Sul os portos moçambicanos eram ainda mais cruciais, visto que o país não possui litorais, dependendo de Moçambique para escoar sua produção, além de também importar trabalhadores.

Além dos interesses econômicos, controle exercido pelo governo ditatorial de Salazar em Portugal sobre as colônias era grande e insistia em manter os países sob o seu domínio como Províncias Ultramar. Consequentemente, demandas políticas em Moçambique e Angola, por exemplo, eram fortemente suprimidas por Portugal. Ainda assim, surgiram movimentos de libertação em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique prontos para combater o poder colonial de Portugal, tornando esse confronto um conflito armado contra os governos brancos da Rodésia do Sul e da África do Sul.

3.2.1 Surgimento da FRELIMO

Criada na Rodésia do Sul em 1960, a União Democrática Nacional de Moçambique (UDENAMO) era composta por exilados de trabalho forçado e opressão colonial, era apoiada pela União dos Africanos de Zimbabwe (ZAPU) e liderada por Adelino Gwambe. Os líderes da UDENAMO sabiam que não poderiam travar um conflito armado contra o domínio português a partir de outro país ainda sobre influência europeia, logo o movimento se mudou para a Tanganyika, onde eles esperavam ser bem recebidos e obter permissão para estabelecer bases assim que o país atingisse sua iminente independência.

Em abril de 1961, ocorreu a conferência das Organizações Nacionalistas do Território Português em Casablanca. Marcelino dos Santos, um dos envolvidos na



organização da conferência, convidou o Presidente da UDENAMO para participar da conferência e representar essa organização. Como resultado do convite, Gwambe nomeou Marcelino dos Santos para a secretaria geral da UDENAMO, que mais tarde veio a fazer o rascunho da constituição da União.

Conforme a UDENAMO cresceu e fez laços internacionais com um número crescente de governos, grupos e indivíduos, o seu relacionamento com os líderes de Tangayika começou a deteriorar. Esses líderes estavam preocupados quanto à ligação entre a UDENAMO e o governo de Gana, estabelecida através do Escritório Ganês de Assuntos Africanos, Gana havia sido o primeiro país a providenciar apoio financeiro à UDENAMO.

O governo de Tanganyika começou a apoiar a MANU, outro grupo nacionalista moçambicano, enquanto a sua relação com a UDENAMO só piorava. Tendo em mente a importância estratégica de Tanganyika, como base do movimento de liberação, para a liberação de Moçambique, Marcelino dos Santos sugeriu aos seus colegas da UDENAMO uma fusão com a MANU. Após diversas reuniões do Comitê Executivo da UDENAMO, a proposta de união a MANU foi concordada.

Em janeiro de 1961, as filiais de Tanganyika, Kenya e Zanzibar da Associação Africana Makonde, uma tribo encontrada no norte de Moçambique e na Tanganyika, se uniram passando a adotar o nome de União Nacional Africana Makonde (Makonde African National Union).

Enquanto as negociações relativas à fusão aconteciam em Dar es Salaam, José Baltazar da Costa Chagonga chegou à cidade. Chagonga, que havia sido preso por Portugal por lutar pelos direitos de mineiros e outros trabalhadores africanos, era o líder da União Nacional Africana de Moçambique Independente (UNAMI).

A união entre foi oficialmente anunciada em Accra, Gana, em 29 de maio de 1962, pelos líderes da UDENAMO e da MANU e a criação ocorreu no dia 25 de junho do mesmo ano em Tanganyika (futuramente Tanzânia), na cidade de Dar es Salam, sob o nome de Frente de Liberação de Moçambique. Eduardo Mondlane foi escolhido como líder da nova Frente.



3.2.2 Conflito Armado

Uma parte dos integrantes da FRELIMO se opunha ao conflito direto com Portugal, argumentando por acordos pacíficos com o colonizador europeu e apelos à Organização das Nações Unidas. Contudo, a maioria da Frente via no conflito armado a única alternativa plausível para alcançar a independência de Moçambique.

Ao longo dos dois primeiros anos de sua existência, a FRELIMO expandiu sua influência e adquiriu apoio da população rural nas províncias de Cabo Delgado e Niassa. Os organizadores da Frente ganhavam a confiança e convenciam anciões e chefes de diversas tribos usando o sentimento anticolonial.

Em 1984, o primeiro ataque foi realizado em um posto Português em Chai no distrito de Cabo Delgado. Os guerrilheiros conseguiram danificar o posto e matar um policial e ferir diversos outros. Esse ataque marcou o início do conflito armado. A FRELIMO utilizava de técnicas de guerrilha, emboscando patrulhas e sabotando comunicações e linhas de trem. Os guerrilheiros conseguiam evitar perseguições e a vigilância portuguesa.

Em 1966, uma nova estratégia começou a ser utilizada, focada no engajamento popular. Essa nova estratégia envolvia a criação de vínculos permanentes entre os guerrilheiros e os camponeses, baseada no respeito mútuo, metas políticas compartilhadas e envolvimento popular em todos os aspectos da luta.

Para que essa união funcionasse a FRELIMO tinha de proteger os camponeses, envolvê-los na luta política e militar e melhorar a qualidade de suas vidas. Para atingir esses objetivos foram estabelecidas zonas liberadas em áreas inacessíveis, geralmente em florestas densas ou regiões montanhosas, relativamente livres de ataques portugueses. Isso não só permitiu proteger os camponeses como também infligir fortes perdas a Portugal.

Gradualmente a FRELIMO consolidou seu poder e expulsou as forças coloniais das regiões vizinhas, progressivamente aumentando as zonas liberadas. Em 1968, mais de vinte por cento do território de Moçambique eram controlados pela Frente. (ISAACMAN. 1983.)



Em 1969, Eduardo Mondlane, líder da Frente, foi assassinado por Nkavandame, um traidor da FRELIMO, em conjunto com a polícia secreta de Moçambique. Conflitos políticos internos que vinham crescendo, chegaram ao fim tendo como resultado a eleição de Samora Machel como novo presidente da Frente. Machel fazia parte do grupo de ideologia revolucionária dentro da FRELIMO, a sua eleição simbolizou o aumento da já crescente influência do pensamento Marxista-Leninista.

Entre 1969, a Frente de Libertação de Moçambique teve avanços tanto políticos quanto militares. A zona de guerra foi ampliada e forças guerrilheiras expandiram suas operações na província centra de Tete, fazendo incursões à região sul de Moçambique pela primeira vez. Na área política, uma nova clareza ideológica permitiu o fim da autoridade tradicional, na forma de chefes tribais, uma maior ênfase na emancipação feminina e avanços nas áreas da saúde e da educação.

Em Portugal, a insatisfação em relação à guerra ultramar aumentava. O pequeno grupo de capitalistas expressava a sua preocupação em relação à crescente dívida nacional e ao escoo da mão de obra portuguesa para a guerra. Em 24 de abril de 1974 o governo autoritário de Marcello Caetano foi deposto pelo Movimento das Forças Armadas. O Movimento, apoiado por trabalhadores e camponeses, se comprometeu com o retorno das liberdades civis e o fim da luta em todas as colônias.

A Frente continuou o avanço, conseguindo avanços na província de Zambézia e intensificando suas atividades nos centros urbanos de Lourenço Marques e Beira. Após extensivas negociações com Portugal, em 19 de setembro de 1974 foi firmado um acordo que transferia o controle de Moçambique à FRELIMO naquele mesmo ano.

Um movimento de colonos portugueses, chamado Fico, tentou aplicar um golpe de estado, tomando a rádio e os jornais e explodindo um arsenal nos limites da cidade. Em poucos dias uma atuação conjunta da Frente de Libertação de Moçambique com o exército português eliminou a insurgência.

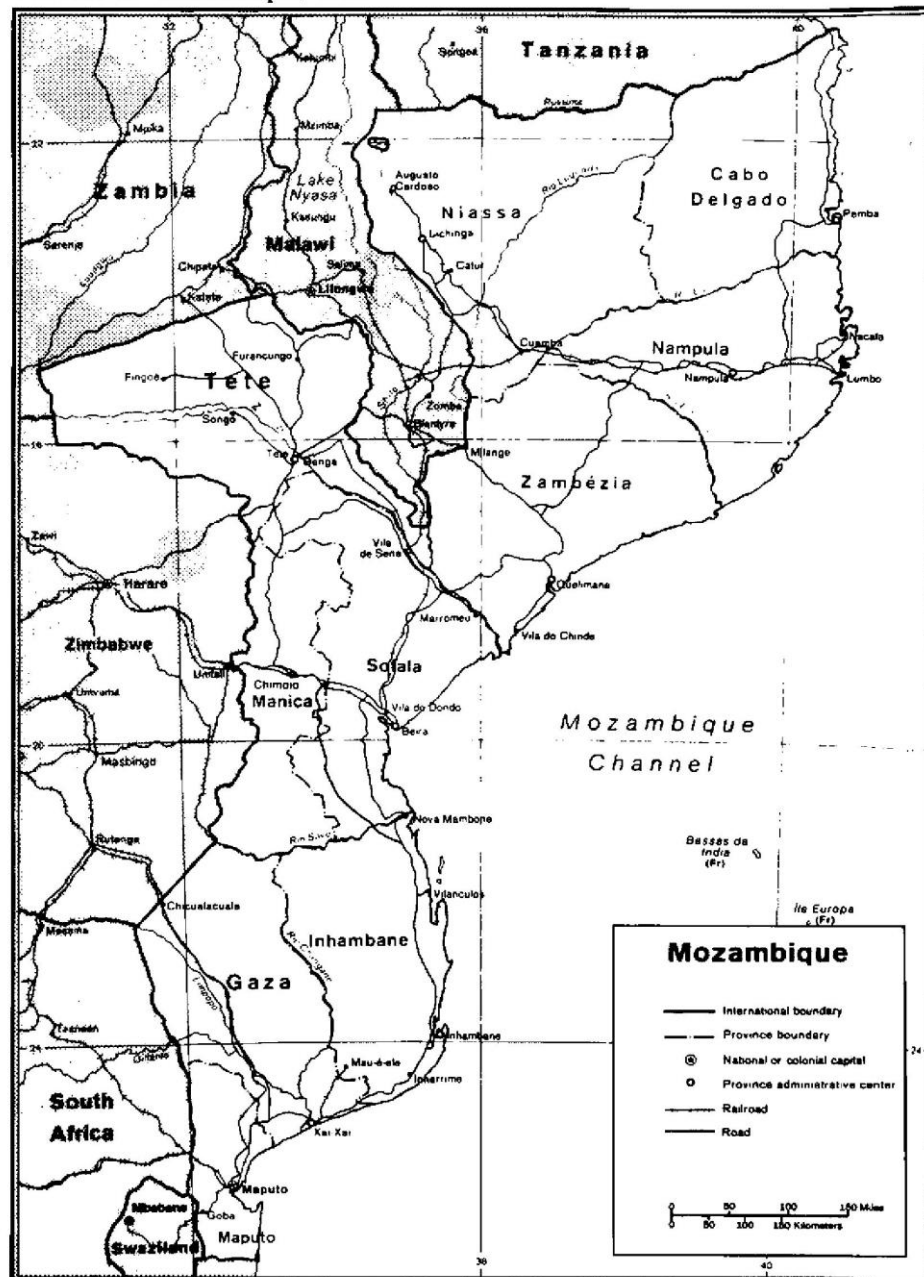
4. Aspectos Geográficos de Moçambique



Moçambique é um país localizado no sudeste da África e faz fronteira com sete Estados: Tanzânia, ao norte; Malawi e Zâmbia, a noroeste; Zimbabwe, antiga Rodésia do Sul, a oeste; África do Sul, a sudeste e sul; Swazilândia, a sudeste. O país é banhado pelo oceano Índico a leste e ao norte há o Rio Rovuma. O conhecimento sobre os países que circundam o Estado moçambicano é fundamental para o entendimento da Guerra Civil do país, uma vez que eles influenciaram diretamente com fornecimento de terras para bases militares, fornecimento de soldados e apoio de outras formas. Outro fator importante da geopolítica é o contexto de Guerra Fria, uma vez que os partidos que guerrearam tinham como uma das principais motivações para a guerra a diferença de ideologias político-econômicas (a RENAMO como segregacionista e capitalista e a FRELIMO como orientação socialista).

Em 1980, a RENAMO transferiu boa parte de seu equipamento para África do Sul, recebendo instalações para treino de soldados e uma base militar. O apoio dado à RENAMO pela Rodésia do Sul estava concentrado no Corredor da Beira, sistema rodoviário que ligava o país ao porto da Beira (cidade de Moçambique). O controle dessa região era estratégico, uma vez que é uma rota comercial importante para o escoamento de mercadorias de países sem acesso ao mar. Além do apoio da África do Sul e da Rodésia do Sul, a RENAMO tinha apoio direto do Malawi e do Kenya, além de apoio indireto de Estados anti-comunistas, como Portugal, que deu apoio econômico e militar à Rodésia do Sul, da República Federal Alemã e dos Estados Unidos da América.

Já a FRELIMO, que governava o país, recebeu apoio dos países do bloco socialista e de partidos de mesma ideologia, como a ZANU (União Nacional Africana do Zimbábue), que lutava contra o governo da Rodésia do Sul, e a ANC (Congresso Nacional Africano), que lutava contra o regime de Apartheid na África do Sul. Dessa maneira, nota-se que a FRELIMO lutava graças ao apoio de movimentos que iam contra os governos de uma minoria branca elitizada nos países vizinhos a Moçambique, que possuíam governos que apoiava a oposição (RENAMO).



Moçambique

Fonte: U.S. government publication, 1982.

A economia nacional ficou muito abalada desde o início do conflito civil. O êxodo rural foi muito grande, o índice de desemprego foi elevado, a receita gerada pelo transporte no Canal da Beira foi bastante prejudicada, o deslocamento de pessoas e bens chegou a se tornar impossível. Outro exemplo disso era a rota ferroviária que escoava, através de rotas que passavam dentro de Moçambique, o ouro e o ferro minerado em Transvaal, importante cidade produtora de ouro ao norte da África do Sul. Muitos cidadãos buscaram refúgio em países vizinhos e acabavam



sofrendo explorações, como o caso de muitos moçambicanos que foram para trabalhar nas minas sul-africanas, além disso, inúmeras crianças ficaram órfãs.

5. Governo FRELIMO

A FRELIMO não assumiu o poder sem qualquer tipo de oposição, existiam diversos pequenos grupos almejando poder, porém, nenhum deles possuía apoio comparável ao alcançado pela Frente durante a conquista da independência ao longo de todo território.

Com a subida da FRELIMO ao poder, diversos portugueses saíram de Moçambique ou foram expulsos pelo governo com o objetivo de dar fim ao colonialismo. Esses portugueses compunham a base comercial e técnica do país e essa retirada deixou o país, que já se encontrava instável devido à mudança na estrutura de poder, também completamente despreparado economicamente.

O governo de Maputo (antiga Lourenço Marques), capital de Moçambique, implementou diversas medidas para reestruturar a economia deixada debilitada. O governo também tinha em sua agenda a implantação dos ideais de homem novo e de unidade nacional na população, criando uma nova forma de conduta ética e uma identidade nacional e tentando aproximar os diversos grupos culturais presentes em Moçambique. Isso em grande parte foi feito tentando abafar e apagar as culturas regionais, consideradas pela FRELIMO como coisas do passado e que atrapalhariam o desenvolvimento do país.

Para controlar as insurgências e sabotagens foram criados campos de reeducação. Esses campos eram localizados em locais distantes do país e tinham como intuito estabelecer as novas virtudes moçambicanas naqueles vistos como prejudiciais ao país, vadios e pessoas que se mantinham fiéis aos antigos credos e cultura.

Grande parte da produção da agricultura foi reestruturada em machambas (pedaço de terra destinado ao cultivo) comunais. Foram registradas no ano de 1982, 1352 machambas comunais em todo o território de Moçambique, a maioria na região norte, região com maior presença da FRELIMO.



Regiões de Moçambique.

6. RENAMO

A economia rodesiana dependia fortemente do escoamento de suas mercadorias através dos portos de Moçambique, Beira e Lourenço Marques. Com intuito de ganhar o favor e apoio da comunidade internacional, o governo Moçambicano decidiu aplicar as sanções aplicadas à Rodésia pela ONU, encerrando assim o fluxo dos produtos rodesianos por Moçambique. Essa mudança, em conjunto com o apoio dado à ZANU - movimento nacionalista da Rodésia que possuía diversas bases no território moçambicano - pelo governo de Maputo, definiu a inimizade entre os países.

“Numerosos antigos grandes colonos portugueses chegavam a Salisbury (capital da Rodésia), fugindo do Moçambique efervescente e levando atrás de si comerciantes, pequenos proprietários, assim como grupos de soldados desmobilizados das unidades especiais do exército colonial e das milícias privadas dos grandes latifundiários. O conjunto desta população imigrada era muito heterogêneo, mas partilhava o mesmo ódio intenso contra o comunismo.” (Geffray, 1991, p.11)

Neste contexto, surge em 1975 a Resistência Nacional Moçambicana para combater a presença da ZANU em Moçambique, tendo como presidente Alfonso Dhlakama. Fora o interesse da Rodésia em destruir o movimento revolucionário apoiado por Moçambique, também preocupava ao governo a aparição de um governo comunista e negro, ameaçando o seu estado segregacionista. A Renamo foi inicialmente patrocinada pela Organização Central de Inteligência da Rodésia, que fornecia apoio logístico e treinamento.

Logo em seguida, percebendo o risco, a RENAMO se organizou e, em 1976, teve oficialmente início a Guerra Civil Moçambicana. Sobre a influência da África do Sul, o principal objetivo da RENAMO se tornou depor o governo ditatorial, se instalar no poder, expurgar a influência socialista soviética na região e controlar as riquezas naturais de Moçambique.



Bandeira da RENAMO



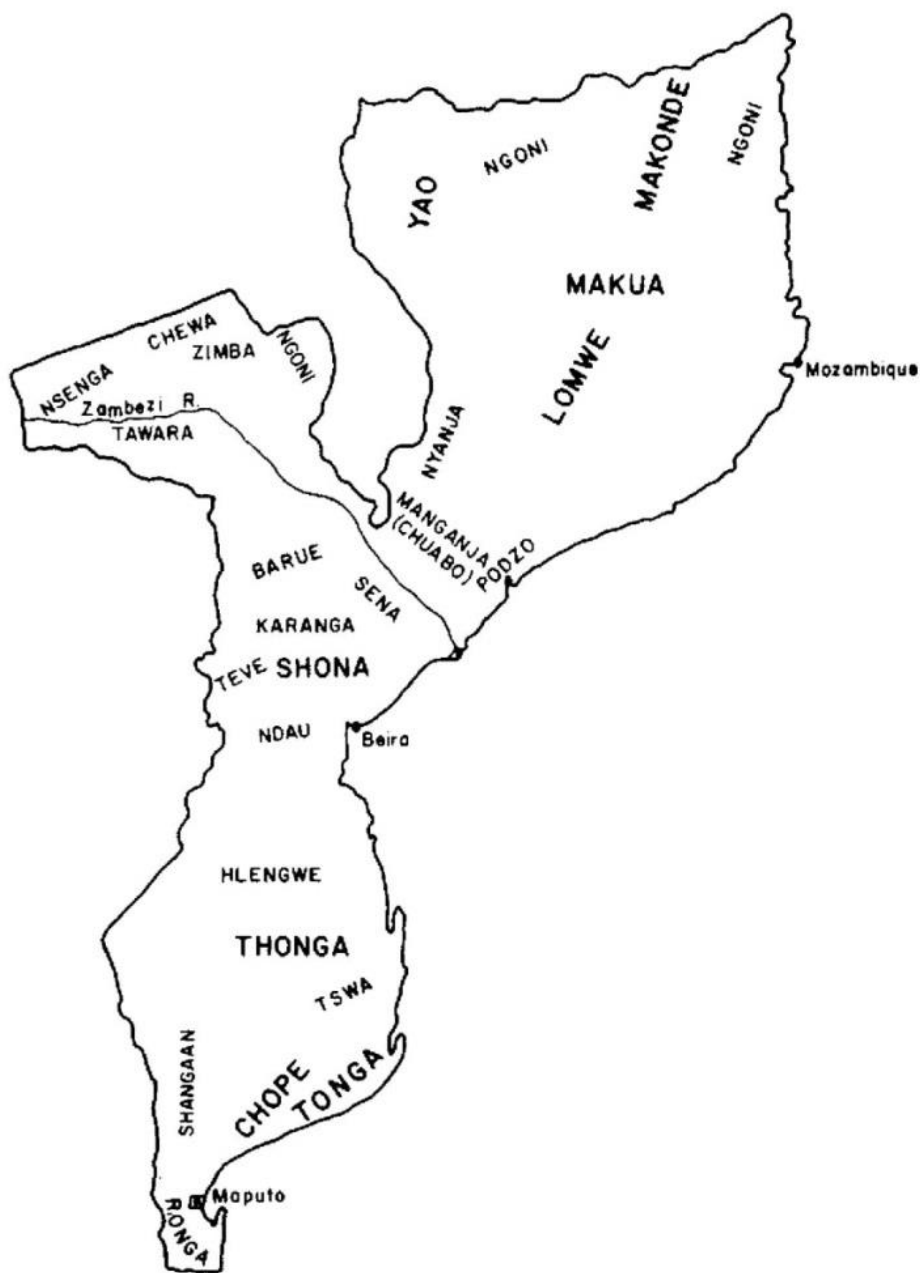
6.1. Aspectos Étnicos da População e Influência no Alinhamento Durante a Guerra

As tendências políticas da população moçambicana, sobretudo a que vive ainda em aldeias no interior, não se definem, na maioria das vezes, pelas propostas dos partidos, e sim pelo meio e pelas lideranças de cada etnia representadas nos diferentes movimentos. O aspecto da ancestralidade e mesmo das rivalidades entre os povos, remontam séculos, dificultando que o pensamento individual destoe do pensamento coletivo.

Na época do domínio europeu na África, os colonizadores desconsideraram, talvez propositalmente, as diferenças étnicas para dividir entre si os territórios do continente. Após as independências, etnias rivais tiveram que conviver partilhando um mesmo país. O que é extremamente conflituoso do ponto de vista político-administrativo.

No caso de Moçambique, a capital se situa desde o tempo da colonização portuguesa no sul do país, em Maputo, onde as etnias que predominam tem uma cultura bastante diferente das etnias do norte. Quando a independência foi declarada, os primeiros líderes da FRELIMO eram da proximidade do grande centro do país: a capital Maputo.

Embora todas as etnias tenham uma origem linguística em comum, a todos os povos Banto (ou Bantu), cada etnia tem uma especificidade, que vai desde as práticas religiosas, a organização social, a forma que reagiu à colonização e como se miscigenou. Algumas realidades dos tempos coloniais, como o histórico de luta dos Makonde contra os invasores e a venda de escravos dos Suahilis para as feitorias, criaram um pensamento político bastante distinto e fortes inimizades.



Grupo étnicos em Moçambique

Fonte: Thomas H. Henriksen, Mozambique: A History (London, 1978).

7. Posicionamentos

Os seguintes posicionamentos objetivam a todos delegados e delegadas a possuírem um maior conhecimento sobre a política externa do país no que tange a Guerra Civil Moçambicana até o presente momento do ano de 1982. Ressalta-se



também a importância de que os senhores podem e devem pesquisar mais a fundo sobre sua delegação

7.1. Conselho Militar Administrativo Provisório (Etiópia)

Localizada na África subsaariana ao norte do Quênia e da Somália, a Etiópia se tornou um dos maiores símbolos africanos de resistência ao imperialismo, tendo resistido a todas as tentativas de colonização e se mantendo independente. Em 1914, somente a Etiópia permanecia livre da dominação europeia.

Em 1974, o governo da Etiópia foi deposto por um grupo marxista-leninista, conhecido como Conselho Militar Administrativo Provisório (DERG), que assumiu o poder. O Derg recebeu intenso apoio militar por parte da URSS a partir de 1976, negociando bilhões de dólares em equipamentos militares e tendo em seu território mais de 2000 conselheiros militares soviéticos e da Europa oriental.

Atualmente, o exército comandado pelo DERG conta com aproximadamente 240.000 homens e o governo destina anualmente mais 400 milhões de dólares para despesas militares, além de ter recebido mais de 314 milhões de dólares em armamentos no ano de 1982.

7.2. Governo Revolucionário Popular de Granada

Granada é um país americano, localizado no mar do Caribe, possui fronteiras marítimas com São Vicente e Granadinas a nordeste, Trinidad e Tobago a sudeste e Venezuela a sudoeste, é formado por uma ilha principal e seis menores. Possui aproximadamente 95.000 habitantes.

O país tem um ótimo relacionamento com Cuba, que ajudou o país treinando seus pescadores, provendo auxílio técnico para desenvolver os recursos hidráulicos, a agricultura e para construir estradas. Em 1979, o marxista Maurice Bishop ao poder; no mesmo ano, Cuba enviou para Granada mais de 3000 rifles, quantidade



considerável para o tamanho do mesmo. A partir de 1981, o país recebe armas soviéticas, se tornando uma potência central no Caribe Oriental.

7.3. República de Cuba

Cuba é um país localizado na América Central, no mar do Caribe. Possui uma população de mais de 9 milhões de pessoas. Em 1981, o governo Cubano investiu mais de 1,3 bilhões de dólares na área militar, 900 milhões desse total representam a importação de armas vindas de países do Pacto de Varsóvia, principalmente a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

"Nós apoiamos os governos progressistas e os movimentos revolucionários na África desde o triunfo da nossa revolução e é assim que continuaremos fazendo." Fidel Castro, 1975.

O atual governante, Fidel Castro, foi um dos líderes da Revolução Cubana, movimento que possibilitou a implementação de um governo marxista em Cuba. Desde 1960, Cuba atua na África, auxiliando diversos movimentos nacionalistas africanos, como o envio de equipes médicas e de soldados à Frente Nacional de Liberação, da Argélia, entre 1960 e 1961. Cuba também interveio em Gana, Congo, Serra Leoa, Somália, Angola. A delegação continuará defendendo os interesses marxistas e auxiliando os movimentos nacionalistas, como é o caso da Frente de Libertação Moçambicana.

7.4. República Democrática Alemã

A República Democrática Alemã corresponde a parte Oriental, sob influência da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas na antiga Alemanha. Após a derrota na Segunda Guerra Mundial, o território alemão foi dividido em regiões de influência entregues à França, Estados Unidos, Reino Unido e URSS. Os dois países oriundos dessa divisão ficaram conhecidos como Alemanha Ocidental, controlada pelos países capitalistas e ocidentais, e a Alemanha Oriental, controlada pela potência socialista e pela Polônia. A República Democrática Alemã faz fronteira a oeste e sul com a República Federal Alemã e com a Tchecoslováquia e Polônia a leste.



O país possuía em 1981 uma força armada com 232 homens e uma despesa militar estimada de 9 bilhões de dólares. A Alemanha Oriental importou o equivalente 504 milhões de dólares em armamentos, vindos principalmente da URSS e Polônia e exportou 157 milhões. Em 1979 o Presidente da República Democrática Alemã anunciou que desde 1975 o país dispendia uma média de 100 milhões por ano em suporte militar a guerrilhas. Em 1978 existiam aproximadamente 1500 conselheiros alemães na África, a maioria localizada em seus mais próximos aliados africanos, Moçambique e Angola, esses conselheiros exerciam diversas tarefas, desde treinamento de pessoal capacitado até estabelecimento de plantas para específicas indústrias de defesa.

7.5. República Democrática Popular do Iêmen

A República do Iêmen é um país árabe situado acima do Golfo de Aden, ao sul da Arábia Saudita e a oeste do Omã. Com o clima desértico e sendo banhado pelo oceano Índico, o Iêmen possui uma economia essencialmente agrícola e exportadora de petróleo.

A nação iemenita, com o auxílio de dois grupos nacionalistas, a Frente de Libertação do Iêmen Ocupado e a Frente Nacional de Libertação, após o fechamento temporário do Canal de Suez em 1967 entrou em conflito contra o domínio britânico na região de próxima ao Golfo de Aden. O país obteve sua independência do Reino Unido no mesmo ano, sob o governo da Frente Nacional de Libertação.

A República Democrática e Popular do Iêmen conta com uma Força Armada composta por aproximadamente 25.000 soldados. Já o gasto anual com despesas militares é de mais de 160 milhões de dólares.

7.6. República Popular da Bulgária

A República Popular da Bulgária é um país localizado no leste europeu, fazendo fronteira com alguns países, como, por exemplo, a Romênia e a Iugoslávia.



A Bulgária faz parte do Pacto de Varsóvia e do Conselho para Assistência Econômica Mútua (COMECON).

Desde o ano de 1947, a Bulgária é comandada pelo Partido Comunista e mantém estreita relação com o governo soviético, estando sempre alinhados. No início da década de 1980, a economia búlgara começou a entrar em declínio. Manteve a mesma postura da URSS quanto ao caso de Moçambique, totalmente contra os grupos que se opunham ao governo e favorável ao uso de grande força militar para reprimir revoltas.

7.7. República Popular da Hungria

A Hungria é um país da Europa Oriental que faz fronteira com a Romênia e a União Soviética a leste, Iugoslávia ao sudoeste, Tchecoslováquia ao norte e Áustria a oeste. O país faz parte do bloco comunista desde o ano de 1946 e, após dez anos, em novembro de 1956, o país passou por um período conturbado, chamado Revolução Húngara. Tal revolução foi um conjunto ações motivadas por descontentamento popular, tomando como inspiração o Outubro Polaco, frente à atuação da URSS em território Húngaro.

A nação da Hungria faz parte do Pacto de Varsóvia, a aliança militar socialista. Durante o governo de János Kádár, possuía recursos financeiros limitados, o que acabou restringindo a atuação do país em algumas questões internacionais.

7.8. República Popular da Polônia

A República Popular da Polônia é um país do leste europeu que faz fronteiras com a Tchecoslováquia, Alemanha Oriental e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. É um país de grande relevância do Pacto de Varsóvia e é membro da COMECON. No ano de 1956, passou por um período conturbado de manifestações populares, conhecido como Outubro Polaco, onde a população reivindicava melhorias, com forte repressão Soviética, a Polônia foi comandada por Władysław Gomułka.



No ano de 1982, sob o governo de Henryk Jabłoński, a nação polonesa despendeu de 11,5 bilhões de dólares com despesas militares. O país tem uma população de 35,9 milhões de habitantes e um exército composto por mais de 366 mil homens. A Nação está disposta e possui uma capacidade militar que pode vir a auxiliar na questão moçambicana.

7.9. República Popular de Angola

A nação angolana é um país localizado no continente africano, fazendo fronteira com Namíbia, Zaire e Zambia. Assim como Moçambique, Angola passou recentemente por um processo de independência e sofreu com uma guerra civil bastante similar à Moçambicana. Com o país dividido em três partidos: o MPLA, que tinha vínculo com os países do pacto de Varsóvia e passou a governar logo que foi declarada a independência; o FLNA, que tinha laços com os EUA; e a UNITA, que tinha o apoio da China. Cada um dos partidos tinha suas raízes em uma etnia e suas bases em uma região do país.

Em 1977, foi estabelecido que as relações diplomáticas de Angola seriam baseadas no respeito mútuo à integridade e a soberania nacional, sendo isso válido para todos os países do mundo. O país rejeitou tudo que foi firmado enquanto ainda era colônia, alegando que respeitariam as cartas da Organização das Nações Unidas e da Organização da União Africana; lutariam contra o imperialismo e neocolonialismo; e, como partes desse último compromisso, não se alinhariam aos blocos militares. Preservariam a opção pelo socialismo e colaborariam com a comunidade socialista.

7.10. República Popular de Moçambique

Moçambique é um país localizado no sudeste africano, fazendo fronteira com a África do Sul, Zimbábue, Tanzânia, Malawi e Zâmbia. A nação moçambicana foi colonizada por Portugal no início do século XVI. Obteve sua independência somente em 25 de junho de 1975.



O governo despendeu 193 milhões de dólares com despesas militares, sendo 78 milhões da importação de armas, vindas principalmente da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. O país tem uma população de 12,4 milhões de habitantes e um exército composto por mais de 30 mil homens.

Atualmente assolado pela RENAMO, Moçambique obteve êxito na guerra travada contra a RENAMO, o país espera arrecadar nessa reunião recursos materiais e estratégicos de todos os seus aliados. Urge também para que sejam traçados acordos econômicos para minimizar os impactos da guerra.

7.11. República Popular do Benim

A República Popular de Benim é um país localizado no Golfo da Guiné, no continente africano. O Benim conquistou sua independência em 1960, junto às outras colônias francesas na África, e após um golpe militar em 1972, assumiu o poder um general, Mathieu Kérékou, que declarou que o país seguiria um modelo marxista-leninista. Benim manteve uma boa convivência com países do bloco, conseguindo se relacionar e obter bons planos e medidas para o melhor desenvolvimento da nação.

Segundo o artigo 4 da constituição de Benim:

“República Popular do Benim, o caminho para o desenvolvimento é o socialismo. Sua base filosófica marxismo-leninismo é para ser aplicado de uma forma animada e criativa para as realidades do Benim. Todas as atividades da vida nacional social na República Popular de Benin estão organizados desta forma sob a liderança da revolução de Benin, destacamento de vanguarda de massas exploradas e oprimidas, levando núcleo do povo beninense como um todo e sua revolução.”

No início da década de 1980, houve um aumento da dívida externa beninense, fazendo com que dificultasse a promoção de auxílio bélico e material a outros países alinhados. Como membro africano da reunião, observa-se a necessidade de respeitar certas particularidades de Moçambique.



7.12. República Popular do Congo

A República do Congo foi colônia francesa até 1960, quando obteve sua independência e se tornou o primeiro país abertamente Marxista da África. Localiza-se no oeste africano, fazendo fronteira com países como, por exemplo, Camarões e Gabão. Em 1977, o até então presidente Marien Ngouabi foi assassinado e o Comitê Militar do Partido Congolense do Trabalho assumiu a presidência da nação.

Em 1981, o Congo assinou um tratado de cooperação com a União Soviética, tornando ainda melhor a relação com o a nação sovieta. O governo congolês mantinha uma boa relação com os países do bloco socialista, do leste europeu e com Cuba, apoiando da maneira que lhe fosse permitida.

7.13. República Socialista da Tchecoslováquia

A Tchecoslováquia é um país do leste europeu, faz fronteira com a União Soviética a leste; Polônia ao norte; Hungria e Áustria ao sul; as duas Alemanhas (Ocidental e Oriental) a oeste. Com 212 mil homens em suas forças armadas e uma despesa de mais 6,7 bilhões de dólares em 1981, a Tchecoslováquia era uma das mais influentes e poderosas nações do bloco socialista. No ano de 1981 o país importou aproximadamente 437 milhões de dólares em equipamentos militares e exportou 644 milhões.

Através da Tanzânia, país que serviu como base para diversos movimentos de libertação, em 1965 a Tchecoslováquia proveu à FRELIMO 1100 metralhadoras, 200 pistolas, 1000 granadas, além de dinheiros, munições, explosivos e conselheiros militares. A partir de 1965 também forneceu recursos à ZAPU, movimento de libertação da Rodésia, atual Zimbabwe, mantendo seu apoio até a independência de Zimbabwe em 1980.

7.14. República Socialista Federativa da Iugoslávia

A República Socialista Federativa da Iugoslávia é constituída pela união federal de seis repúblicas: Sérvia, Croácia, Bósnia e Herzegovina, Montenegro e



Macedônia. O país possui fronteira com 6 países: Áustria e Hungria ao norte, Romania e Bulgária à leste e Albânia e Grécia ao sul.

A Iugoslávia, apesar de aliada da União das Repúblicas Soviéticas Socialistas se manteve como um país não alinhado durante a Guerra Fria. Era um dos principais países do Movimento dos Países Não Alinhados⁴, grupo dos países que se abstiveram do alinhamento aos blocos capitalista e socialista e que apoiavam as lutas nacionais pela independência, desenvolvimento econômico e fim do colonialismo. A Nação defenderá que mesmo com todos os interesses do bloco soviético, deve-se levar em conta também os interesses de toda a nação moçambicana.

7.15. União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas é o maior expoente do bloco socialista, tendo um território duas vezes e meia maior que o dos Estados Unidos e uma economia baseada em indústria pesada, mineração e agricultura. Localizada ao leste da Europa e ao norte da Ásia, possuía uma economia planificada, ou seja, a produção e a distribuição de bens eram controladas pelo governo.

A União Soviética é também a maior potência militar entre os socialistas, possuindo não só o maior exército como também a tecnologia mais avançada. Com a responsabilidade de manter os países com ideologia marxista sob sua influência, não hesita em fornecer apoio militar em forma de tecnologia e armamento como visto anteriormente no caso da crise dos mísseis de Cuba em 1962.

No que tange as questões da Guerra Civil de Moçambique, a nação sovieta, governada por Iuri Andropov, acredita que esforços devem ser feitos para que seja implementada o socialismo na nação moçambicana de forma mais expressiva. Para que tal fato ocorra, defende-se a utilização de qualquer meio que puder obter sucesso, principalmente pela utilização de aparato bélico e força militar. Clama-se também para que os países membros do Bloco Socialista auxiliem na diminuição

⁴ Tal movimento obteve sua origem na Conferência de Bandung, na Indonésia, no ano de 1955.



dos impactos sociais causados pela RENAMO e que a FRELIMO obtenha existo em território de Moçambique.

8. Perguntas a serem respondidas

- Com que recursos podemos contribuir no combate à RENAMO?
- Quais estratégias podem ser implementadas para contrapor as táticas de guerrilha utilizadas pela RENAMO?
- Quais são as possíveis medidas para proteger a população contra os ataques terroristas dirigidos pela RENAMO?
- Como podemos dificultar o acesso RENAMO ao auxílio dado pelo governo sul africano?
- Como diminuir os impactos sociais causados pela RENAMO?
- Como ajudar a alcançar a estabilidade do governo moçambicano?
- Como o bloco pode auxiliar Moçambique em sua reestruturação do bem estar da sociedade?
- Como promover a expansão da ideologia comunista no continente africano?



9. Bibliografia

ARAUJO, M., **Os espaços urbanos em Moçambique**. GEOUSP Espaço e Tempo, São Paulo, N° 14, pp. 165- 182, 2003.

BOTTOMORE, Thomas. **Dicionário Do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

CAHEN, Michel. **De la guerre civile à la plèbe: La Renamo du Mozambique**. 2009.

CARDOSO, Luisa. **Plano Marshall**. InfoEscola. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/plano-marshall/>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

COKER, Christopher. **Pact, pox or proxy: Eastern Europe's security relationship with Southern Africa**. London School of Economics and Political Science, 2007.

DOMÍNGUEZ, Jorge I. **To Make a World Safe for Revolution: Cuba's Foreign Policy**. 1989.

FUNADA-CLASSEN, Sayaka. **The origins of War in Mozambique - a history of unity and division**.

HASAN, Sabiha. **YUGOSLAVIA'S FOREIGN POLICY UNDER TITO (1945-1980) – II**. Pakistan Horizon, Vol. 34, N°. 4, 1981.

JAFAR, S., **Análise sócio-histórica sobre a Guerra Civil em Moçambique, 1976-1992, Uma abordagem holística**. Montepuez: Universidade Pedagógica, 2014.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Sundermann, 2003.

MWAKIKAGILE, Godfrey. **Nyerere and Africa: end of na era**. New Africa Press, 2007.

REIS, Guilherme Simões. **The Political-Ideological Path of Frelimo in Mozambique, from 1962 to 2012**. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Rupiya, Marting. **Historical Context: War and Peace in Mozambique**.

Simpson, Mark. **Foreign and Domestic Factors in the Transformation of Frelimo**.

WUYTS, Marc. **Money, planning and rural transformation in Mozambique**.



Brasil Escola. **O mundo depois da Segunda Guerra Mundial.** Disponível em: <<http://guerras.brasilecola.uol.com.br/seculo-xx/o-mundo-depois-segunda-guerra-mundial.htm>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

ISAACMAN, Allen F; ISAACMAN, Barbara. **Mozambique: From Colonialism To Revolution, 1900-1982.** 1983.

United States Arms Control and Disarmament Agency. **World Military Expenditures and Arms Transfers 1986.** 1986

Momentos de instabilidade política em Moçambique - uma cronologia. DW África. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-002/momentos-de-instabilidade-pol%C3%ADtica-em-mo%C3%A7ambique-uma-cronologia/a-16912568>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

RENAMO. **RENAMO.** Disponível em: <<http://www.renamo.org.mz/>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

VAZ, Egidio. **História da Renamo (resumo).** Disponível em: <<http://ambicanos.blogspot.com.br/2015/06/historia-da-renamo-resumo.htm>>. Acesso em: 5 fev. 2017.

Cultura Moçambicana: Povos de Moçambique. Disponível em: <http://www.malhanga.com/maputo/conteudo/povos_mocambique.html>. Acesso em: 12 fev. 2017.

COSTA, João Paulo Jr. **Finas misturas de um povo.** <<https://terrasdemozambique.wordpress.com/tag/grupos-etnicos-em-mocambique/>>. Acesso em: 3 fev. 2017.

Portal do Governo da Província de Sofala. **Sofala.** Disponível em: <<http://www.sofala.gov.mz/sofala>>. Acesso em 17 fev. 2017.

JONAS, Ray **Battle of Adwa (Adowa), 1896.** <<http://www.blackpast.org/perspectives/battle-adwa-adowa-1896>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Foreign Military Assistance. Disponível em: <http://lcweb2.loc.gov/frd/etsave/et_05_03.html> Acesso em: 15 mar. 2017.



BBC. **Republic of Congo profile.** Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-africa-14121195>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

Communist Nations. **Angola.** Disponível em: <<http://www.country-data.com/cgi-bin/query/r-648.html>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

PIOTROWSKI, Tadeusz. **Poland's Holocaust.** Disponível em: <https://books.google.com.br/books?vid=ISBN0786403713&id=A4FlatJCro4C&pg=PA32&lpg=PA32&ots=0IIJR6MG2S&dq;=+million+Poland&sig=Esmrof0S3TFXaYmbDK3jQOBOQ&redir_esc=y&hl=pt-BR>. Acesso em: 07 mar. 2017.

MORRISON, Nathan. **A short history of the People's Republic of Benin (1974 - 1990).** Disponível em: <<http://www.socialist.net/history-peoples-republic-of-benin.htm>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

UNION, Soviet. **Mozambique.** Disponível em: <<http://www.country-data.com/cgi-bin/query/r-12695.html>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

United Nations (Org.). **Treaty Series: Treaties and international agreements registered or filed and recorded with the Secretariat of the United Nations.** Disponível em: <<https://treaties.un.org/doc/Publication/UNTS/Volume1330/v1330.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

LEWIS, Paul H.. **Authoritarian Regimes in Latin America: Dictators, Despots, and Tyrants.** Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=LAww-YXm4TsC&pg=PA186&hl=pt-BR&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 17 mar. 2017.

MÜLLER, Miriam M.. **A Spectre is Haunting Arabia: How the Germans Brought Their Communism to Yemen.** Disponível em: <<http://www.transcript-verlag.de/978-3-8376-3225-5/a-spectre-is-haunting-arabia>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

CIA (Org.). **CIA Study on Yemeni Unification.** Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/51196986/CIA-Study-on-Yemeni-Unification>>. Acesso em: 21 mar. 2017.



Country Data (Org.). **Bulgaria: Table A. Chronology of Important Events.** Disponível em: <<http://www.country-data.com/cgi-bin/query/r-1832.html>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

FRANCE, Bulletin Des Bibliothèques de. **CONFÉRENCE BIBLIOGRAPHIQUE INTERNATIONALE VARSOVIE.** Disponível em: <<http://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-1957-09-0659-003>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

MALOA, Joaquim Miranda. **O lugar do marxismo em Moçambique :1975-1994.** Disponível em: <<http://ojs.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/10413>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

HUNTINGTON, Samuel P.. **O choque de civilizações.** Disponível em: <http://textosdehistoria.xpg.uol.com.br/unidade_V_texto_10_huntington_o_choque_de_civilizacoes.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2017.

HOBBSAWN, Eric. **Era dos Extremos.** Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=S_OnBAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP3&dq=união+soviética+guerra+civil&ots=s4WF9VrFI_&sig=xYtX3fjMVzw9tjRcNik70TxgVxA#v=onepage&q=união soviética guerra civil&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=S_OnBAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP3&dq=união+soviética+guerra+civil&ots=s4WF9VrFI_&sig=xYtX3fjMVzw9tjRcNik70TxgVxA#v=onepage&q=união%20soviética%20guerra%20civil&f=false)>. Acesso em: 28 mar. 2017.

GRANJO, Paulo. **Limpeza ritual e reintegração pós-guerra em Moçambique.** Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41012461?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 30 mar. 2017.

CARBONE, Giovanni M.. **Continuidade na renovação? Ten years of multiparty politics in Mozambique: roots, evolution and stabilisation of the Frelimo–Renamo party system.** Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-modern-african-studies/article/continuidade-na-renovacao-ten-years-of-multiparty-politics-in-mozambique-roots-evolution-and-stabilisation-of-the-frelimorenamo-party-system/E6691E043AE096D9C7FA2AFD5834E0C1>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

SIMPSON, Mark. **Foreign and Domestic Factors in the Transformation of Frelimo.** Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of>



modern-african-studies/article/foreign-and-domestic-factors-in-the-transformation-of-frelimo/A72A63A52D7DBAE589F06F83F8199725>. Acesso em: 01 abr. 2017.

CHICHAVA, Sérgio. **Por uma leitura sócio-histórica da etnicidade em Moçambique**. Disponível em:

<http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/cd_ppi/pastas/governacao/geral/artigos_cientificos_imprensa/DP_01_ArtigoEtnicidade.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2017.

BRITO, Luís de. **DISCURSO POLÍTICO E POBREZA EM MOÇAMBIQUE: ANÁLISE DE TRÊS DISCURSOS PRESIDENCIAIS**. Disponível em:

<http://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/pobreza/IESE_Pobreza_2.DiscPol.pdf>.

Acesso em: 01 abr. 2017.